

O FINAL DO SÉCULO E OS MITOS DO FIM DO MUNDO – PARA UMA LEITURA DA HISTÓRIA*

A. AUGUSTO TAVARES

O fim de século e de milénio é que sugere este tema, que tem sido tratado, de formas diversas e com objectivos diferentes, por outros. Não irei repetir aqui o que já está dito e escrito, nem inventariar, e muito menos analisar, os inúmeros testemunhos de profecias projectadas para este fim de milénio e passagem para o que vem. A experiência que nos é dado viver neste excepcional limite cronológico de fim de século e de bimilénio que estamos a viver reveste-se de considerável importância em termos de história, como mais tarde outros observarão. Convidaria a uma análise e reflexão sobre os dois mil anos de cultura cristã e poderia estimular-nos a perspectivar o futuro. Deste certamente não vamos falar, mas creio justificar-se que, neste Centro de Estudos Históricos Interdisciplinares, falemos do fim do século e dos milenarismos, como chave de leitura da História.

Não ignoramos que as cronologias poderão ser convenções da sociedade, mas o fim de século e de milénio não nos deixam indiferentes. Eis pois a razão da escolha deste tema de história das mentalidades e culturas que bem se insere no projecto de investigação que nos propusemos: *Memória e Sociedade*.

Insistiremos principalmente nas origens bíblicas dos milenarismos e escatologias que perpassam pelos diversos séculos e contribuíram para a construção da Europa e para o seu modo de ser. As palavras milenarismo (ou porventura quiliasmo (do grego khilas=mile) escatologia, parusia, apocalipses, messianismo, fim do mundo, entre outras, irão naturalmente repetir-se ao tratarmos de tema tão peculiar, tão complexo, tão abrangente e tão melindroso.

* O texto que aqui se publica corresponde essencialmente à comunicação apresentada na primeira sessão do Centro de Estudos Históricos Interdisciplinares do mês de Outubro de 2000.

Medir o tempo

Por falarmos de século e de milénio, parece que se impõe começarmos pelas tentativas dos humanos em medir o tempo. É natural que o homem de todas as épocas tenha sentido essa necessidade. Ao falarmos de hora, dia, semana, mês, ano, século ou milénio, poderemos dizer que estamos perante construções dos humanos que adquiriram a força de convenções sociais, mas não há dúvida de que adquiriram tal estatuto que actualmente não se pode prescindir delas no quotidiano, para relacionar a vida humana dentro do *continuum* do tempo.

Não sabemos o que aconteceu na Pré-História, quanto a tentativas de medir o tempo, mas, na primeira documentação escrita que nos chega do Egipto e da Mesopotâmia, registam-se a este respeito experiências de interesse por dependermos delas. Os Egípcios por exemplo deixaram-nos os rudimentos duma verdadeira ciência astronómica a partir da observação do sol e das estrelas. Partiram de tais observações para medir o tempo e conseguiram organizar um calendário que está na base do calendário actual. Estabeleceram o ano de 365 dias e um quarto, observando o sol. Com base nesse calendário solar, determinaram que o mês fosse de trinta dias, sendo por isso necessário acrescentar cinco dias suplementares no fim do ano. Ainda assim, de quatro em quatro anos havia a diferença de um dia entre o ano oficial e o ano real, por não terem introduzido um ano bissexto. Os desfazamentos entre o calendário oficial e a realidade obrigavam por isso a algumas correcções pontuais.

Além de dividirem o ano em 12 meses, os Egípcios também dividiram o dia em 12 horas, tal como a noite em igual número de horas. É evidente que as horas do dia e as da noite não eram iguais às nossas, visto que o dia correspondia ao período de claridade e a noite ao período de escuridão. Para determinarem esse tipo de horas do dia e da noite, mais longas ou mais curtas conforme as épocas do ano, recorreram a instrumentos de medição que estão na origem dos nossos relógios. Os que mediam as horas diurnas baseavam-se no comprimento da sombra que era projectada sobre uma superfície lisa e graduada. Para as horas nocturnas, os sistemas eram vários e mais complexos. Recorria-se por vezes à água que escorria sobre (ou de)um vaso¹.

Se, no Egipto, o calendário deve ter sido estabelecido no fim do IV ou início do III milénio a. C., na Mesopotâmia só foi resolvido esse problema na época neo-babilónica, século VII/VI a. C., e de forma menos feliz porque o mês era lunar. Começava com a primeira lua nova que se seguia ao equinócio da primavera e era dividido em 12 meses de 29 ou 30 dias, conforme o ciclo lunar. Visto que o ano era mais pequeno, houve necessidade de corrigirem a diferença juntando-lhe um ou mais meses suplementares. Apesar de não ser esse o calendário que se impôs à posteridade, da Mesopotâmia vieram dois contributos importantes para o

calendário actual: a semana de sete dias, em vigor nos meados do I milénio a. C., que passou para os Hebreus e deles para os Romanos, chegando gradualmente a todos os povos da Europa, e a hora de 60 minutos. Efectivamente na Mesopotâmia vigorava o sistema sexagesimal. Assim, dividiam a circunferência em 360 graus, a hora em 60 minutos e o minuto em 60 segundos. Eis pois donde nos vem esta herança?

Não obstante estas experiências da Antiguidade Pré-clássica, escritores gregos como Herodes, Tucídides e outros, embora conhecessem os meses e os anos, contavam o tempo por gerações a partir de acontecimentos memoráveis. Na prática, a "unidade" nas suas narrativas era o tempo médio de uma geração, sistema que se repetiu noutras épocas e noutros povos, o que é compreensível.

Para iniciar uma cronologia de longa duração, importava, sim, estabelecer um memorável ponto de partida. Para os Hebreus, nada mais digno de ser memorado do que a criação do mundo, a cuja data tinham chegado por cálculos a partir de gerações bíblicas, correspondendo neste caso o nosso ano 2000 a 5761 da era hebraica, ou seja a partir de Adão e Eva. Os Romanos, por sua vez, partiam da fundação de Roma (*ab urbe condita*).

A era cristã, que se inicia com o nascimento de Cristo foi estabelecida, como é sabido, por cálculos que nos conduzem obrigatoriamente a Roma e à Bíblia, concretamente ao Novo Testamento. Foi o monge trácio Dionísio o Exíguo que, em 532, fixou o nascimento de Cristo no ano de 754 da fundação de Roma, servindo-se para os seus cálculos, de tábuas de Alexandria. Estabeleceu o *ano do Senhor*, ou seja o ano após o nascimento de Cristo em 754 *ab Urbe condita*. Notemos que não é um ano zero, como parece alguns pretenderem, ao fazerem terminar o II milénio em 1999 e não em 31 de Dezembro de 2000, como deve ser. Mas, apesar dos seus cálculos, Dionísio errou, porque Jesus Cristo nasceu durante o reinado de Herodes e este morreu seguramente na primavera de 750 da era de Roma. A era cristã tem por isso de recuar pelo menos 4 anos ou seja até à data da morte de Herodes e provavelmente mais, pois é natural que Herodes continuasse a viver após o nascimento de Jesus, tendo em vista o episódio da chamada "matança dos inocentes".

Como elementos de aproximação para estabelecermos a data do nascimento de Cristo, existem dois factos dignos de realce, sendo o primeiro o recenseamento decretado pelo imperador em Roma no ano 8 a. C. ou seja em 746 de Roma. Tal recenseamento em todo o império poderia ser realizado numa provincia difícil como era a Palestina apenas um ou dois anos depois ou seja em 747 ou 748. O outro elemento a considerar é o que nos vem do relato do Evangelho de Lucas, médico e bom conhecedor do grego helenista, preocupado em investigar cuidadosamente tudo o que acontecera desde o principio, como ele próprio diz (Lc.1.1-4). Informa que

o nascimento ocorreu durante o recenseamento, que foi feito quando Cirino era governador da Síria. Na verdade não seria exactamente governador, mas alguém que tinha a responsabilidade do comando das forças armadas. A palavra grega habitualmente traduzida por "governador" é *hegemoneúontos* (aquele que tem a hegemonia) sem explicitar mais. Ora acontece que documentação da época, designadamente uma epígrafe encontrada em Roma, informa que Cirino, nessa altura, tinha a "hegemonia" no campo militar, visto estar encarregado por Roma de combater os Homonadenses pelas montanhas do Taurus. Da sua notável actividade militar nos informa explicitamente Tácito, que refere as palavras com que Tibério anunciou a sua morte ao senado no ano 22 da nossa era: "guerreiro infatigável e encarregado de difíceis serviços, foi cônsul sob Augusto, pois conseguiu as honras do triunfo por ter conquistado na Cilícia os lugares fortes dos Homonadenses"³.

Temos aqui uma boa chave de interpretação: um recenseamento decretado em Roma em 746 era realizado sob a responsabilidade de um general romano na província da Síria, que era Cirino, o que deve ter acontecido entre 746 a 748. Se Herodes apenas morreu em 750 e se o nascimento de Jesus ocorreu durante o recenseamento, temos de recuar o início da era cristã entre 4 a 7 anos, e mais provavelmente entre 5 a 7 anos. Por tais razões, não estaremos no ano 2000 mas em 2004, ou 2005, ou 2006, não parecendo necessário recuar mais.

Se o início da era cristã tem como ponto de partida o nascimento de Cristo, o calendário assenta no antigo calendário egípcio adoptado por Roma. Efectivamente Júlio César, ao ter conhecimento do calendário egípcio, adoptou-o pelo ano 46 a.C. Ficou por isso designado por "juliano" e prevaleceu no Ocidente até 1582. Nesta data, os astrónomos do Papa Gregório XIII verificaram que o calendário juliano, que havia sido recebido do Egipto, já estava atrasado 10 dias. Tinha de ser alterado e foi o que fizeram. O Papa decretou em 1582 que o dia 15 de Outubro se seguisse directamente ao dia 4, ficando portanto esse ano com menos dez dias. (Por curiosidade refira-se que é por isso que Santa Teresa de Ávila, apesar de ser sepultada no dia seguinte ao do falecimento, tem como registo que morreu no dia 4 de Outubro de 1582 e foi sepultada a 15 do mesmo mês). Doravante passou a ser designado por "gregoriano", sendo imediatamente promulgado em Espanha por Filipe II e seguido pelos países da Europa católica. Os ingleses entretanto só adoptariam o calendário gregoriano em 1752 e os protestantes suíços apenas em 1812⁴. Na sua maneira irónica de falar, Voltaire poderia mais tarde dizer que os protestantes antes queriam que os seus relógios estivessem em desacordo com o sol do que eles próprios estarem em acordo com o Papa⁵.

A importância do século

O nosso calendário, como vemos, parte de uma data concreta e coexiste com um rigoroso sistema decimal, onde o século assume na prática função de unidade: a história conta-se por séculos. A própria palavra século (*saeculum*) usa-se como sinónimo de tempo. Quando se repete no fim das orações, na liturgia católica, *per omnia saecula saeculorum*, ou simplesmente se diz até ao fim dos séculos, entende-se obviamente o fim do tempo. A era cristã, ultimamente designada por era comum, mormente nos países nórdicos, contém por conseguinte em si uma referência a um princípio, o nascimento de Cristo, e evoca o fim dos séculos ou seja o termo do tempo, parecendo concretizar a expressão do Apocalipse de S. João (22,13): *Ego sum A et O , primus et novissimus, principium et finis*, Eu sou Alfa e Omega, o primeiro e o último, o princípio e o fim.

Quando lemos as profecias do médico e astrólogo da primeira metade do século XVI, Michel de Nostradamus que organizou o seu trabalho sob a forma de "centúrias", contendo cem estrofes cada uma, compreendemos a intenção de organizar a história por séculos e daí a especulação sobre o fim do mundo⁶. Mas, muito antes dele, as especulações sobre o fim dos tempos, o fim dos séculos e a catástrofe final e seus sinais premonitórios, dominaram as mentes humanas.

Curiosamente já no antigo Egipto as fases finais eram favoráveis às intervenções dos demónios. Acreditava-se que o fim do dia, do mês, do ano ou de um reinado, ao marcarem um momento de interrupção da ordem, eram propícios para os espíritos maléficos redobram a sua actividade. Assim acontece no fim do ciclo cronológico de um século ou de um milénio.

A temática dos medos e mitos do fim do mundo que marcam a história da Europa, fomentados pelos milenarismos, com formas e matizes diversificados, medos associados a visões apocalípticas apresentadas em mensagens sobre a "parusia" (vinda do Senhor) e "escatologia" (referência ao que há-de acontecer nos últimos tempos) têm raízes bíblicas e encontraram terreno fecundo para se desenvolverem na própria liturgia. Não obstante o melindre da questão, não queremos evitar alguma incursão por esses caminhos, sem entretanto podermos de momento explorar demoradamente esse campo, por óbvia falta de tempo.

As primeiras palavras da Bíblia falam do princípio do mundo: "no princípio criou Deus o céu e a terra". E o último livro da mesma Bíblia, o Apocalipse, previne o leitor, mal começa a sua leitura, de que as palavras proféticas que o livro contém tratam do que "vai acontecer em breve" (1,3). Eis-nos, sem darmos por isso, perante o conceito de história que os Hebreus escreveram nos livros bíblicos: sempre caracterizada pela ideia da linearidade do tempo, uma memória que vem do princípio do mundo e que se prolonga numa expectativa do fim do mesmo mundo. Na visão de Teilhard de Chardin, no seu cristocentrismo cósmico, teremos a

caminhada para o ponto Omega. O começo contém em si, implicitamente, a evocação do fim para o qual se encaminha inexoravelmente a humanidade. Aqui radica a tentação de se escrever a história do futuro.

As profecias, ao anunciarem o fim, vão surgindo como interpretações de cada época. Por suposto, o profeta, que fala segundo a visão de Deus, interpreta o presente e decifra o futuro. As profecias, adaptam-se a cada situação e reúnem frequentemente o temor e a esperança. Os profetas esperavam o Dia de lavé que havia de trazer o castigo para os maus, os inimigos de Israel: "o Senhor castigará os povos que combateram contra Jerusalém" (Zac. 14,12); "a terra treme e o céu fica abalado, o sol e a lua obscurecem e as estrelas perdem o seu brilho... grande e terrível é o dia do castigo do Senhor!" (Joel 2, 10.11). Mas, por outro lado, o Dia de Javé haveria de trazer a paz e a abundância para os eleitos: "O Senhor preparará um banquete de carnes gordas e de vinhos finos para todos os povos" (Is. 25,6).

Pelo Antigo Testamento multiplicam-se os exemplos de visões escatológicas onde abundam os símbolos referentes aos fins dos tempos, tema predilecto da literatura apocalíptica bem representada pelo Livro de Daniel, cuja redacção poderá não ser anterior ao século II a. C., e sobretudo presente em vários livros apócrifos, aproximadamente da mesma época, sendo principal exemplo o livro de Henoc. No Novo Testamento, é o Apocalipse que mais impressiona pela sua linguagem de imagens enigmáticas sobre a catástrofe do fim dos tempos: aquele que está sentado no trono tem na sua mão um livro fechado com sete selos onde estão contidos os segredos dos últimos tempos. Os seis primeiros representam seis milénios e o sétimo selo representa o sétimo milénio que corresponde ao sétimo dia de uma semana misteriosa onde está simbolizada a história. Não vamos nós envolver-nos na complexa exegese deste último livro da Bíblia, mas tão somente apontamos o Apocalipse como uma das origens das correntes milenaristas que entraram em cheio em movimentos religiosos e políticos que atravessam os séculos e marcaram a história da Europa⁷.

Toda a tensão apocalíptica converge para Cristo, que há-de chegar na última vinda, ou seja no fim do mundo. O milenarismo cristão pretende descobrir essa vinda escatológica, o fim dos séculos, sempre que há momentos de crise, entendendo essa vinda como um conforto no meio dos sofrimentos. Assim aconteceu nos períodos de perseguição dos cristãos, que desejavam a *parusia*, para estarem com o Senhor, pois seria o começo dos novos céus e de uma nova terra. Traduzamos terra por pátria, já que céu designa um não lugar, um futuro para além da morte, ou mais precisamente para além da ressurreição, segundo a adequada e pertinente maneira de falar de Jean Delumeau⁸.

Entre os Hebreus, a insegurança e a opressão dos povos inimigos, que, segundo o seu pensar, eram merecida punição pelo afastamento de Deus, gerava também ideias de esperança. Na dialética vetero-testamentária, a história caracterizava-se

por esta sucessão de fases: o povo eleito afastava-se de Deus e era punido; depois do castigo arrependia-se, voltava novamente para lavé e Ele perdoava. Eram fases cíclicas e nenhuma era fixa e estável. E foi nesses contextos que os profetas anunciaram um libertador, o Messias, portador de uma nova era de felicidade. A história, se é memória é também esperança. Tudo isto é assim na visão judaico-cristã, pois, seguindo a linguagem do citado autor Jean Delumeau " a existência humana situa-se entre a nostalgia do jardim do Éden e a expectativa duma felicidade eterna".

Compreende-se que a religião cristã, que aceita a revelação dos profetas, tenha interpretado as próprias perseguições e os sofrimentos como premonições do fim do mundo, com a segunda vinda de Cristo. É esta ambivalência que não deverá perder-se de vista, apesar da visão negativa que se foi criando nos movimentos milenaristas, ao acentuarem habitualmente momentos de crise no fim dos milénios mais do que a esperança de um começo. Efectivamente na mentalidade generalizada, o fim do mundo evoca principalmente o declínio, a perturbação cósmica, a catástrofe. No subconsciente do milenarista, tudo o que o homem fez ou concebeu é julgado com o medo do fim.

É dentro dessa concepção que o fim do mundo se tornou uma ideia permanente de medo, de terrores, e que nós pretendemos observar e analisar como uma chave da história. Nos fins dos séculos e nas proximidades das datas previstas e por vezes anunciadas para o grande acontecimento escatológico, as crises económicas, os flagelos naturais, a criminalidade, as pestes, tudo é lido como premonições do terrível fim.

Apesar da ambivalência que temos estado a apontar, fim que é também principio, o milenarismo prefere insistir no horror da catástrofe, na destruição e menos em aspectos positivos. Mas não devemos perder de vista que as duas vertentes podem coincidir e até estimular-se mutuamente e interagirem como se verifica nalguns casos. O que acontece é que as soluções extremistas são sempre populares, o que explica a adesão das massas a anúncios catastrofistas em todas as épocas. Talvez nós próprios tenhamos a experiência de alguém nos entrar em casa dizendo que nos vem falar de paz e de felicidade, mas começa por nos oferecer um panfleto ou uma revista a falar das catástrofes actuais, apontadas como sinais da proximidade do fim do mundo. Efectivamente o pânico do fim dos tempos entra em cheio em várias seitas religiosas de fundação recente, dos finais do século XIX ou já do século XX.

No século IV, Lactâncio, preceptor do filho de Constantino, pretendia tirar partido dos males a que assistia para ensinar que a recompensa dos justos estava na infelicidade que teriam os ímpios no juízo final. Escrevia: " a multidão dos ímpios será aniquilada, hão-de correr torrentes de sangue e Cristo submeterá todos os povos pagãos aos justos ... e o reino dos justos durará mil anos"⁹. Pretendia

transmitir a ideia de que a felicidade dos justos consistiria em reinar sobre os ímpios. Tal pensamento seria reproduzido por outros.

A questão importante foi sempre a data do fim. Os cristãos liam os capítulos 24 e 25 do Evangelho de Mateus que falam do fim do mundo, da segunda vinda do Filho do Homem e da necessidade de estar alerta, por não se conhecer o dia nem a hora. Conheciam a primeira Carta de S. Paulo aos Tessalonicenses a falar da vinda do Senhor e da união com Cristo, para estarem eternamente com Ele e liam com grande interesse e maior curiosidade o Apocalipse de S. João.

Ora esse livro que contém "a chave das coisas passadas e o conhecimento do futuro", no pensar de Joaquim de Fiore, descreve-nos em linguagem enigmática, digamos esotérica, o drama cósmico do fim dos séculos, segundo a abertura sucessiva de sete selos que estão a selar o livro que tem nas mãos aquele que está sentado no trono, o próprio Deus. Os comentadores actuais, tal como os antigos, compreendem que se trata do mesmo livro selado que aparece na profecia de Daniel, também apocalíptica, que guarda o segredo do fim dos tempos. Os seis primeiros selos são interpretados como representando seis tempos ou seis milénios da grande semana que simboliza a história. A abertura do sétimo selo corresponde ao sétimo milénio, ao sétimo dia. Depois do grande silêncio que inaugura esta última época, virão sete anjos, cada um por sua vez, tocar a trombeta e cada um faz deflagrar um cataclismo cósmico. A sétima trombeta dá o sinal para o combate final de que sai triunfante o cordeiro, Cristo, sobre a besta, Satan. Seguem-se ainda dois combates escatológicos. No primeiro a besta é vencida pelo cavaleiro, Cristo, e é lançada viva no abismo onde fica encarcerada por mil anos e dá-se a primeira ressurreição reservada aos eleitos. Depois, ao fim de mil anos, Satan é solto e juntará as nações dos quatro cantos da terra, Gog e Magog para cercar a cidade dos eleitos, mas será lançado por toda a eternidade no lago de fogo e enxofre. Realiza-se então a ressurreição final e o julgamento universal de todos os vivos e mortos começando a vida eterna. A primeira ressurreição inaugura o tempo do sétimo milénio durante o qual Satan estará encadeado, período que corresponde ao sétimo dia da semana, o *shabat*, o dia do repouso e que marca a vinda do reino terrestre de Cristo reservado aos eleitos.

O valor simbólico do número mil

Neste texto de linguagem secreta e enigmática, notemos que há referência ao número seis, ao número sete e ao número mil, números importantes para os cálculos milenaristas das datas do fim do mundo. Os mil anos do Apocalipse não se referem a qualquer milénio, mas ao milénio final que culmina com a ressurreição dos mortos e com o Juízo final.

Temos de recuar para o judaísmo apocalíptico dos tempos conturbados do período do segundo templo entre 200 e 70 a.C., e ir mesmo até a alguns Salmos, para vermos o gérmen da ideia de dividir o tempo em períodos de mil anos. De facto encontramos esta ideia no Salmo 90,4 onde se diz que mil anos diante de Deus são como o dia de ontem que já passou, texto retomado pela segunda Epístola de Pedro 3,8. Estabelece-se também uma analogia entre os seis dias da criação do Génesis que são seguidos do sétimo dia, o sábado, quando Deus descansou do seu trabalho, e os períodos da história humana. O sétimo dia corresponde ao milénio. O período final, o sétimo dia, corresponde aos últimos milénios de paz. Eis-nos perante as raízes do milenarismo que retira o nome do reino milenar de Cristo, a grande utopia que marcou a idade Média e prosseguiria com nuances diversos por toda a História.

Notemos entretanto que o Apocalipse retomou conceitos que vinham do meio especificamente judaico. Efectivamente a divisão de 6000 anos do tempo humano aparece já no Talmud da Babilónia, como se depreende duma conversa entre dois rabis. Por outro lado, entre os cristãos, a mais antiga exposição sistemática da divisão milenar até se chegar ao juízo final encontra-se na *Carta de de Barnabé*, que data dos fins do primeiro ou início do século segundo.

O Apocalipse, ao longo do capítulo 13, fala-nos em linguagem exotérica carregada de simbolos e de segredos da *fera* que recebeu poder para dirigir ofensas e insultos contra Deus e que recebe poder para lutar contra os crentes e para os vencer. Descreve essa figura terrível que é preciso identificar com o número 666, como informa ao terminar o seu longo texto: "Agora é preciso sabedoria. Quem for inteligente decifre o número da fera, que é o número dum homem. E o seu número é seiscentos e sessenta e seis" Ap.13,18).

Inúmeras explicações têm sido propostas para esta profecia apocalíptica, merecendo uma referência especial a seguinte: o autor do Apocalipse escreve entre os reinados do imperador Nero e o de Domiciano (68-96 d.C.), podendo ter em mente Nero como correspondendo à figura da besta. Partindo deste pressuposto, recorre-se ao valor numérico das letras hebraicas e ao código da *gematria*, uma das partes da Cabala judaica que consiste num processo matemático de estudar as Escrituras sagradas, considerando todas as letras hebraicas no seu valor numérico. Nos círculos apocalípticos judaicos foi muito seguido este método exegético. Ora acontece que o nome hebraico de Nero e o seu título César perfaz exactamente o número de 666. Se não vejamos a escrita consonântica hebraica que corresponde a NRON QSR. O valor numérico das letras hebraicas é o seguinte: N=50, R=200, O=6, N=50, Q=100, S=60, R=200 ou seja 666 no total. Tratar-se-ia portanto de Nero o Anticristo, que seria seguido por Domiciano, também perseguidor dos cristãos.

Digamos que os cálculos feitos de muitas e diversas formas têm servido para propor datas para a hecatombe final em diversos períodos da história, sem êxito,

como é evidente. Assim, quando os Godos de Alarico tomaram Roma em 410, muitos cristãos contando os anos da criação do mundo à maneira judaica, acreditaram estar a chegar o dia do Juízo Final. Nos meados do mesmo século, as invasões dos bárbaros, induziram a fazer cálculos que estabeleciam o fim do mundo no ano 500. Posteriormente viu-se no nome do rei vândalo Genserico o número de 666, o número da besta do Apocalipse e a preocupação dos cálculos iria continuar. Faziam-se perguntas aos clérigos mais cultos, como por exemplo a S. Beda e a St. Isidoro de Sevilha, pois efectivamente o medo do fim da chegada do fim do mundo fazia parte do imaginário medieval, tanto dos analfabetos como dos letrados, que se agarravam a tudo aquilo que podia justificar tal crença.

É justo reconhecermos que os cristãos encontravam na própria liturgia estímulos para pensarem no temível fim de mundo: eram extractos de textos bíblicos, proféticos e apocalípticos, que ouviam ler nas cerimónias religiosas e eram também hinos como o famoso *Dies irae* recitado ou cantado nas missas de defuntos, tal como o Salmo 130 *De profundis clamavi ad te Domine*, tudo a evocar o encontro final com Cristo na Parusia. Por tudo isto, há-de reconhecer-se que o milenarismo, seja superstição seja mito ou utopia (será talvez um pouco de tudo isso) não deixa de ter raízes bíblicas e litúrgicas e, na Bíblia e na Liturgia, se ia alimentando. Referimo-nos exclusivamente à cultura dita ocidental, de matriz cristã, sem excluirmos correntes de pensamento similar noutros horizontes culturais. Bastaria recordar como exemplo o caso de Séneca que viu na erupção do Vesúvio em 79, ao destruir Pompeia, o começo do fim do mundo, tal como poderíamos olhar para o que se passa no zoroastrismo.

Na história do milenarismo da Idade Média, sobressaiem como seus mentores nomes famosos como o Pseudo-Metódio, na Síria, no século VII com a sua obra *Descrição dos últimos tempos*, Adson de Montier-en-Der, monge do século X, autor de um pequeno livro *Sobre o nascimento da época do Anticristo*, e pouco depois deste o *Oráculo da Sibila Tiburtina*. Dois pertencem ao mundo cristão ocidental e um reflecte o pensar de algum sector oriental. Todos tiveram inegável influência, que não vamos aqui analisar, nas correntes milenaristas¹⁰.

Mas na história do milenarismo do Ocidente não pode omitir-se uma referência especial a Joaquim da Fiore (1135-1202). Esse monge cisterciense, abade de um mosteiro na Calábria, tentou uma teologia da história, começando por meditar nas crises do cristianismo, designadamente nas perseguições do século I.º e nas esperanças frustradas da vinda final de Cristo, o que seria punição para uns e felicidade para outros. Conclui que a história é constituída por uma sucessão de catástrofes purificadoras que se orientam para um mundo melhor. Segundo o seu pensar a salvação terá de chegar ao seio da própria história através da purificação da Igreja e do mundo. O milénio de que fala o Apocalipse será o tempo de paz e de felicidade, o tempo do rei bom.

Segundo ele, a própria história reflete a imagem de Deus, pois é também uma trindade. Divide-se em três partes: a era do Pai (o Antigo Testamento e a Lei), a era do Filho, o Novo Testamento e a era do Espírito Santo. Nesta terceira era, haveria novas ordens religiosas para evangelizarem e converterem o mundo. É um período de tempo que devia começar em 1260 depois de um breve reino do Anticristo.

A periodização da história de Joaquim da Fiore iria influenciar numerosos milenarismos religiosos e laicos e não exageramos se dissermos que porventura ainda actualmente perdura¹¹. É claro que o interesse especial continua a ser a identificação dos sinais da chegada do fim dos tempos. Assim se explica o êxito de uma obra como *Legenda Dourada*, da autoria de Tiago de Voragine, bispo dominicano, no século XIII. Tornou-se extremamente popular através das pregações e até mesmo de representações teatrais, por apresentar uma lista de quinze sinais anunciadores da proximidade do fim do mundo. Um sinal que se deveria ter em conta era o aparecimento do Anticristo, o homem do pecado cuja identificação suscitaria enormes debates.

Foram os franciscanos espirituais que acolheram esta teoria de Joaquim da Fiore, tendo daí resultado episódios, como o do movimento extremista de Frei Dolcino de Novara que seria torturado e supliciado, mas que, antes de morrer, anunciava convictamente que daí a três anos e meio havia de chegar o Anticristo e mais tarde, após a sua derrota, ele próprio Frei Dolcino, voltaria à terra para reinar numa Igreja purificada¹².

Não se esquece também a pregação de S. Vicente Ferrer, em Espanha, a insistir em idêntica temática, nem será necessário recordar nomes de supostos anticristos, que renunciavam a próxima vinda do fim do mundo. Por curiosidade será de registar que em 1297 um religioso dos franciscanos espirituais, Frei Pedro João Olivi, acreditava que a aparição do Anticristo ocorreria entre 1300 e 1340; o mundo entrava depois na Idade do Espírito Santo para acabar em 2000 com o Juízo Final. Acrescente-se também, nesta anotação de curiosidade cronológica, que outros apontaram o fim do mundo para este fim de século e de bimilénio que estamos a viver. Recorde-se o próprio Nostradamus que chegou à precisão de apontar o 7.º mês de 1999, mas que outras interpretações numerológicas deslocaram para data mais vaga, como quer que seja entre 1999 e 2001. Também para Melanchton, o fim do mundo seria em 2000.

O tema é interminável. Obrigar-nos-ia a recordar profecias a anunciarem, na Europa, massacres e banhos de sangue, a olhar para a interpretação que se deu da peste bulbónica, que foi designada como o novo dilúvio que faria desaparecer a humanidade. O tema do milenarismo como chave da história levar-nos-ia por exemplo a recordar a interpretação escatológica da guerra dos cem anos, o cisma do Ocidente com dois papas a excomungarem-se mutuamente e até nos conduziria a alguns períodos decadentes na vida da Igreja, como aquele em que

foi apontado como Anticristo o papa Alexandre VI. Efectivamente Savonarola, a quem Alexandre VI excomungou assimilaria Roma à Babilónia e Alexandre VI às forças do Anticristo.

É dentro dessa mesma mentalidade que pretende identificar e personalizar o Anticristo que se há-de interpretar um famoso quadro de Boticeili, pintado em 1500, dois anos após a morte de Savonarola, que representa uma cena do Nascimento de Cristo. Na parte superior do quadro, o pintor colocou uma cartela em grego onde escreveu: "Eu, Sandro, pinte este quadro no fim do ano de 1500 no meio das perturbações de Itália, nos meados do tempo e depois do tempo, segundo o capítulo onze de S. João na segunda catástrofe do Apocalipse que vê o soltar do demónio durante três anos e meio. Será encadeado no duodécimo capítulo e nós o veremos esmagado como neste quadro"¹³.

A personificação do Anticristo chegou mesmo a ser praticamente institucionalizada na iconografia. Assim, um outro famoso pintor italiano Luca Signorelli representou em 1499-1500, na catedral de Orvieto *Os discursos do Anticristo*, onde nos deixou a figura de um homem barbudo, figura tradicional do impostor, que finge ser Cristo a pregar diante de uma multidão, tendo atrás de si o demónio. Algum tempo depois, Lucas Cranach iria representar o Anticristo com a coroa pontifícia. Figuras subersivas desse género acabaram por se vulgarizar. E, como poderemos imaginar, tal iconografia, na época, não desagradava aos reformadores.

O milenarismo da Renascença e das Descobertas

Mas, como já afirmámos, a partir do próprio texto do Apocalipse, que está no fundamento do milenarismo, se há o anúncio do que é negativo, a "besta" que tem na visão apocalíptica o número 666, o Anticristo que há-de preceder o fim, existe em seguida o "milénio" de reinado feliz, e só depois o Juízo final. Será importante atendermos também a este género de visões milenaristas mais orientadas para os aspectos positivos. E estas surgiram sobretudo na Renascença. Os humanistas opuseram o mundo de trevas e de declínio, como consideravam os tempos precedentes, à nova época de ressurreição em que viviam e idealizaram, num certo messianismo profético, uma era nova de felicidade.

E aqui bem poderíamos fixar-nos no que se passou em Portugal, onde os Descobrimientos fomentaram a ideia de que a história caminhava para a consumação feliz. Se estava profetizado na Escritura que o fim da história só aconteceria depois da pregação do Evangelho em toda a terra, era justo pensar que o fim do mundo não estava longe. Com as descobertas estávamos a chegar à era milenar. Já alguma vez, falando de Cristóvão Colombo, fizemos o estudo de uma

poliglota dos Salmos, editada em Génova em 1516, onde, em comentário ao Salmo 19, o autor dizia que estava a realizar-se na sua época por intermédio de Colombo, o que no salmo está escrito ou seja que a mensagem de Deus se estendia a toda a terra. Aliás o próprio navegador assim o pensava, estando convencido que contribuía para a evangelização. Ele próprio estava a apressar a redenção escatológica¹⁴.

No Padre António Vieira, encontramos um bom testemunho desta interpretação da história. Sei que o tema do milenarismo do P. António Vieira poderá suscitar algum melindre, mas não poderemos omitir-lhe uma referência. O famoso pregador profetizara para 1666 a inauguração do milénio previsto no Apocalipse: após as terríveis dores, chegaria o quinto império, nome simbólico da história milenar do futuro reino de Cristo na terra. Socorro-me para uma referência a Vieira da conceituada revista dos Jesuítas, *Brotéria* do mês de Outubro último, donde extraio esta citação: "O milenarismo de Vieira e a sua interpretação teológica e teleológica inscrevem-se e bebem da tradição joaquimita. A concepção do Quinto império como era de justiça, de fraternidade, de santidade, de abundância da graça divina, de ecumenismo entre os povos não deixa de ser, *mutatis mutandis*, um decalque da Terceira Idade do teólogo Joaquim. Vieira concebe uma idade milenar governada no plano espiritual pelo Bispo de Roma, que faz eco precisamente do Papa Angélico que iria governar a Igreja na Idade do Espírito Santo. No plano temporal seria governada pelo rei de Portugal, sentando-se em Lisboa com o estatuto de imperador do mundo"¹⁵.

Nas "profecias" de Bandarra, Portugal concorria para esse reino, pois Deus confiara-lhe a evangelização e salvação dos povos da África, da Ásia e da América¹⁶. Outros, antes e depois, cultivaram as mesmas ideias: Duarte Pacheco no *Esmeraldo de situ orbis* denominava D. Manuel de César e D. Francisco de Almeida incitava o rei venturoso a tomar o título de imperador¹⁷.

Em busca de uma conclusão

Ao chegarmos aqui, tenho a impressão de que agora é que deveríamos começar, mas impõe-se uma conclusão, que vamos de algum modo tentar: se o movimento renascentista e as descobertas levaram a vaticinar a época final da História, a era milenar do reino de Cristo na terra, da mensagem apocalíptica, a ideia recorrente e predominante no milenarismo insistirá sempre na hecatombe final. Cada geração pretende reconhecer o fim do mundo ou o seu início nas catástrofes que testemunha na sua época. À maneira de exemplo tomemos o terramoto de Lisboa de 1755. Após ter conhecimento da catástrofe, Voltaire ficou em pânico com medo do fim do mundo. E não foram só as suas preocupações

financeiras que o levaram a escrever, logo que soube do que acontecera, ao seu banqueiro de Cádiz, pois, nas cartas que dirige a Leibnitz, no fim desse mês de Novembro reflete a emoção e o desespero perante a tragédia e o que considera o absurdo da existência humana, condenada ao desaparecimento, certamente em breve, como acontecera em Lisboa. Poucos dias após o terramoto escreve o *Poema sobre o desastre de Lisboa*, onde se interroga "quem sou eu, onde estou eu, para onde vou, donde fui tirado?". Tudo a denunciar a crença no fim, sem esperança¹⁸.

Nos fins do século passado, outros nos deixaram testemunhos interessantes das preocupações com a proximidade da hecatombe final, permanência de milenarismo que teima em descobrir momentos de crise no fim do século. Ao lado do progresso que observavam, permanecia em muitos espíritos brilhantes da época uma nostalgia dos bens do tempo passado, acentuando, por isso em contraste aspectos de decadência que denunciavam a aproximação do fim do mundo. É o que se pode ver, por exemplo, nos escritos de uma figura proeminente da igreja católica como foi o Cardeal Newman, que nos deixou nos seus sermões do Advento afirmações como esta: "o mundo envelheceu, a terra cai em ruína, a noite caiu, o dia está próximo"¹⁹. Para ele o *dia* que se aproximava era o da *parusia*, a vinda do Senhor.

Émile Zola escrevia em 1890 a um amigo, expressando-se desta forma: "eu pergunto-me se nós não nos estamos a dirigir para um cataclismo final". E noutra carta, acabrunhado com o fim do mundo, exprime-se desta maneira: "eu espero uma catástrofe, não sei qual, em que todos seremos engolidos"²⁰. Anatole France também não foge ao pessimismo perante o que considerava como prenúncio do fim: "a espécie humana não é capaz de progresso indefinido... quando o sol se extinguir, os homens há muito que terão desaparecido. Os últimos serão mais estúpidos que os primeiros". No seu pessimismo acreditava que "estava a ser transportado por águas mortas para o fim do século"²¹. Dentro do mundo cristão, encontram-se igualmente testemunhos como o de Léon Bloy que, ao escrever o seu *Le Désespéré* em 1884, manifesta a sua convicção de que o Senhor desceria em breve do céu para lançar ao fogo a corrupção e a podridão. E como o fim do mundo não aconteceu no fim do século XIX, escreveu logo a seguir "estou muito descontente com este fim do século, pois podia e devia ter sido o ano da destruição"²². Mas continuava a esperar o fim e assim em 1915, dois anos antes de morrer, ele acreditava que estava "no limiar do Apocalipse".

Muitos outros testemunhos dos finais do século passado poderiam ser aduzidos como prova da aceitação por parte de muitos, da antiga crença do fim do mundo no fim de um século. Outros, é certo, preferiam apontar para os centenários da Paixão de Cristo, desde Raul Gabler, no século X, que fixou a sua atenção em 1033 em vez do ano mil. Dentro dessa ideia, foram datas escolhidas, 1033, 1233, 1533, 1733 e 12 de Junho de 1933.

Já não falamos do ano mil sobre o qual se escreveram verdadeiras efabulações em estilo de historiografia, como provam Marc Bloch, Dubby e vários outros. Mas o mundo não acabou nem acabará neste findar de século e milênio que estamos a viver. Todos conhecemos a este propósito os contrastes actuais: extremismos religiosos que levam a suicídios colectivos com medo do fim próximo e desejo de um melhor mundo no além, mas simultaneamente existe por outro lado o optimismo, criado pelo progresso das ciências e das técnicas que entraram no nosso quotidiano. Estes aspectos positivos sobrepõem-se ao que é negativo. Contrariamente ao que, no fim do século passado, escreveram Zola, Anatole France e outros, vivemos na convicção de que o progresso é irreversível e é indefinido, nem é possível preverem-se, no pensar de Edgar Morin, limites à capacidade do espírito humano. Somos caminheiros numa viagem ascensional de que não é possível prever o termo²³.

O milenarismo, segundo a visão cristã, é uma categoria histórica que dá um novo sentido ao futuro porque assenta na esperança da nova pátria para além da Ressurreição, que se seguirá à segunda vinda de Cristo. Poderá aparecer-nos como construção de sonhos que, em última análise, apontam para o Paraíso. Seja! Mas, sem esses sonhos e essa esperança, "a vida sobre a terra torna-se um inferno", como escreve Delumeau²⁴.

Por tudo o que poderemos retirar da mensagem bíblica, designadamente apocalíptica, pelo que podemos compreender do tempo que temos a felicidade de viver, com tudo o que é novo e belo e nos ultrapassa em horizontes de novas promessas, que vão para além dos limites da nossa imaginação, há razões para pensar que, longe de estarmos no fim, estamos no principio dos tempos, no início da História.

Notas

¹ A. A. Tavares, *Civilizações Pré-clássicas*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995, p. 159.

² A. A. Tavares, *Ob. cit.*, p. 335.

³ Tácito *Ann.*, 48. O texto latino é o seguinte: "impiger militiae et acribus ministeriis consulatum sub divo Augusto, mox expugnatis per Ciliciam Homonadensium castellis insignia triumphii adeptus...". Ver sobre este tema U. Holzmeister, *Storia dei tempi del Nuovo Testamento* (trad. italiana de C. Zeda a partir do texto latino do autor), Roma, Marietti 1950, pp. 30-32.

⁴ A. A. Tavares, *Ob. cit.*, p. 159.

⁵ Observação feita por Eugen Weber, *Apocalypses et millénarismes*, Paris, Fayard, 1999, p. 18.

⁶ *Profecias de Nostradamus*, Lisboa, Vega, 3.ª ed. 1999.

⁷ Carozzi Tavianí-Carozzi, *La fin des temps. Terreurs et Prophéties au Moyen Âge*, Paris, Flammarion, 1999, p. 13.

⁸ Jean Delumeau, *Que reste-t-il du Paradis?*, Paris, Fayard, 2000, p. 468.

⁹ Cit. por E. Weber, *Ob. cit.*, p. 41.

¹⁰ Sobre estas três obras importantes para o conhecimento dos milenarismos na Idade Média ver Carozzi-Tavianni, *Ob. cit.*, pp. 16-37 sob o título "Le myte de la fin des temps au Moyen Âge".

¹¹ Entre as muitas informações sobre a influência de Joaquim da Fiore, ver o recente artigo de J.E. Franco "Joaquim de Flora e a sua influência na cultura portuguesa" *Brotéria*, vol. 151, Outubro de 2000 pp. 285-303.

¹² E. Weber, *ob. cit.*, 68-69.

¹³ Citação extraída de E. Weber, *ob. cit.* 75.

¹⁴ A. A. Tavares, "Edição poliglota dos Salmos (Génova, 1516) em Portugal", *Colóquio sobre o livro antigo* Lisboa, Biblioteca Nacional, 1992, pp. 253-264.

¹⁵ J. E. Franco, *Brotéria*, art. cit. p. 293

¹⁶ *Profecias de Bandarra, sapateiro de Trancoso*, ed. António Carlos Carvalho, Lisboa, Vega, s/d, pp. 37 e 87.

¹⁷ Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de situ orbis*, Academia Portuguesa da História, Prólogo; Luis Filipe Thomaz e Jorge Santos Alves "Da cruzada ao quinto Império", in *A memória da nação*, Lisboa, Sá da Costa, 1991 p. 97.

¹⁸ E Weber, *Ob. cit.* pp. 123-124.

¹⁹ *Ibidem* p. 27.

²⁰ Émile Zola, *Oeuvres complètes*, Paris, VIII, pp. 566, 651, 1181.

²¹ Anatole France, *Le jardin d'Épicure*, Paris, 1923 pp. 19 ss.

²² R. Bessède, *La crise de la conscience catholique*, Paris, 1975 p. 529.

²³ Edgar Morin e Outros, *Os problemas do fim de século*, Lisboa, Ed. Notícias, 1996, 2.ª ed., pp. 9-10.

²⁴ J. Delumeau, *Ob. cit.* p. 468.